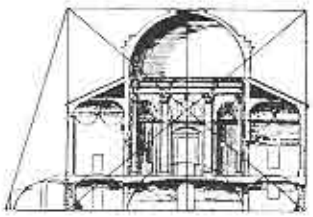
PINI

au
arquitetura urbanismo

20



RIO: CONCURSO TRIBUNAL DE CONTAS
FAEC, ARQUITETURA EM LINHA DE PRODUÇÃO
FORTALEZA DEPOIS DO BOOM



ESCRITÓRIO

Itapeti

Triângulo quase ***perfeito***

Em plena virada dos anos 80, um professor e dois ex-alunos decidem juntar pranchetas e abrir um escritório de Arquitetura, na Zona Norte de São Paulo, fora dos bairros-jardins. Resultado: em 87, aparecem na *pole position* da premiação do IAB, com o projeto do Centro Cívico de Suzano. Aqui, a história e o perfil conceitual desse triângulo profissional quase perfeito — Fausto, Eduardo e Zé Luiz (Zeca), o grupo Itapeti.

Pelo visual, poderiam até ser confundidos com integrantes de um conjunto de música contemporânea. Mas, em lugar de guitarras e acordes eletrônicos, pranchetas, croquis, projetos e muitos desafios pela frente. De qualquer forma, um triângulo profissional quase perfeito, não fossem os altos e baixos da própria situação do país, as atribulações de um instável mercado de trabalho do 3º Mundo.

Cada um com sua cabeça, sua sentença e repertório, mas sintonizados na mesma vibração: produzir uma Arquitetura em escala microempresarial, assegurar a sobrevivência pelo regime de trabalho cooperativista, sem abafar contudo a dimensão poética, o sentimento. Assim surgiu o grupo paulista Itapeti.

Primeiro foi Fausto quem convidou Eduardo, que por sua vez chamou Zé Luiz, formados em 83 pela Faculdade Braz Cubas de Mogi das Cruzes, onde Fausto já lecionava. Os três se reúnem, somando experiências, expectativas e pranchetas no sobrado da Durval Clemente, uma ruazinha de Santana ainda imune à invasão dos espigões de concreto armado. "O fato de estarmos aqui, fora dos jardins (área nobre de São Paulo) é meramente circunstancial. Estamos aqui como poderíamos estar em qualquer outro lugar", avisam, descartando toda natureza ideológica.

À experiência, a energia jovem

"Sou o mais velho — comenta Fausto — mas me sinto confortável trabalhando ao lado deles. Aliás, essa é nossa filosofia: dosar a experiência e a prática com o pique e a energia dos mais novos. Assim, a gente se renova." A própria discussão de um projeto implica muitas vezes divergências culturais profundas até se chegar à "sintonia fina", ao ponto redondo. A leitura dos jornais da manhã pode ilustrar tal variedade de enfoques e opiniões: "Me interesso por tudo que é música, já o Eduardo procura as matérias de cinema, enquanto o Zeca — diz, brincando — cuida da cotação do dólar e do over".

Por que Itapeti? "A gente estava à procura de um nome marcadamente paulista, no sentido regional; podia ser Tietê, Bandeirante e acabou sendo mesmo Itapeti, que significa reentrâncias na rocha", explica Zé Luiz, para quem o importante é a própria equipe como um todo e não os nomes que a compõem. Uma equipe que descobriu, sem dúvida, o segredo da felicidade profissional possível num país de 3º Mundo: trabalhar em conjunto, com visão participativa, dividindo tudo — alegrias, lucros, momento de caixa-baixa, projetos e as tensões de percurso —, sem se esquecer da mão-de-obra responsável pela construção. Ao mesmo tempo, manter o clima "pra cima", como gosta de dizer Eduardo, mediante convívio aberto, transparente, sem censura e imposições.



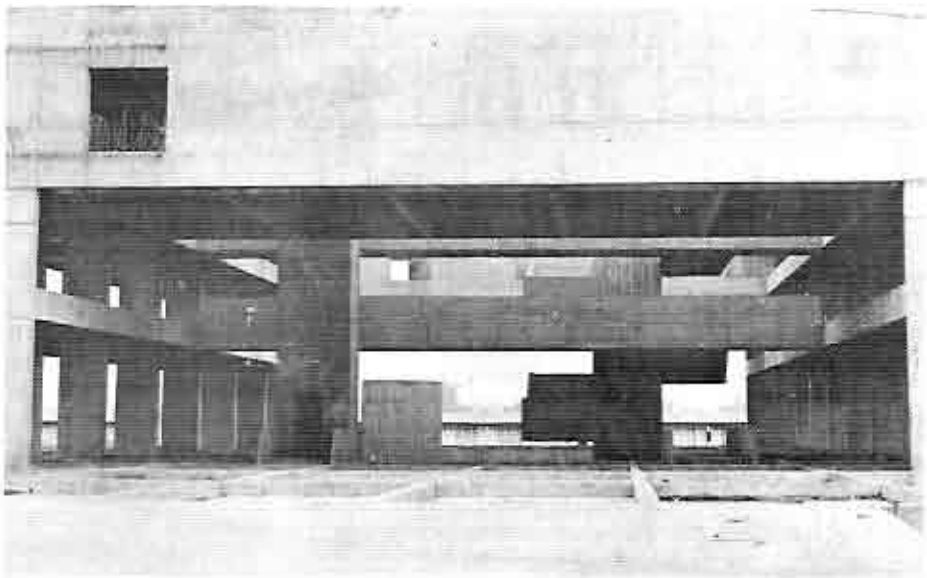
Zé Luiz, Fausto e Eduardo

Simplicidade e transparência

A relação cliente-arquiteto não foge dessa conduta sustentada na simplicidade e transparência. Nada de fórmulas téc-

Centro Cívico de Suzano, SP, 84

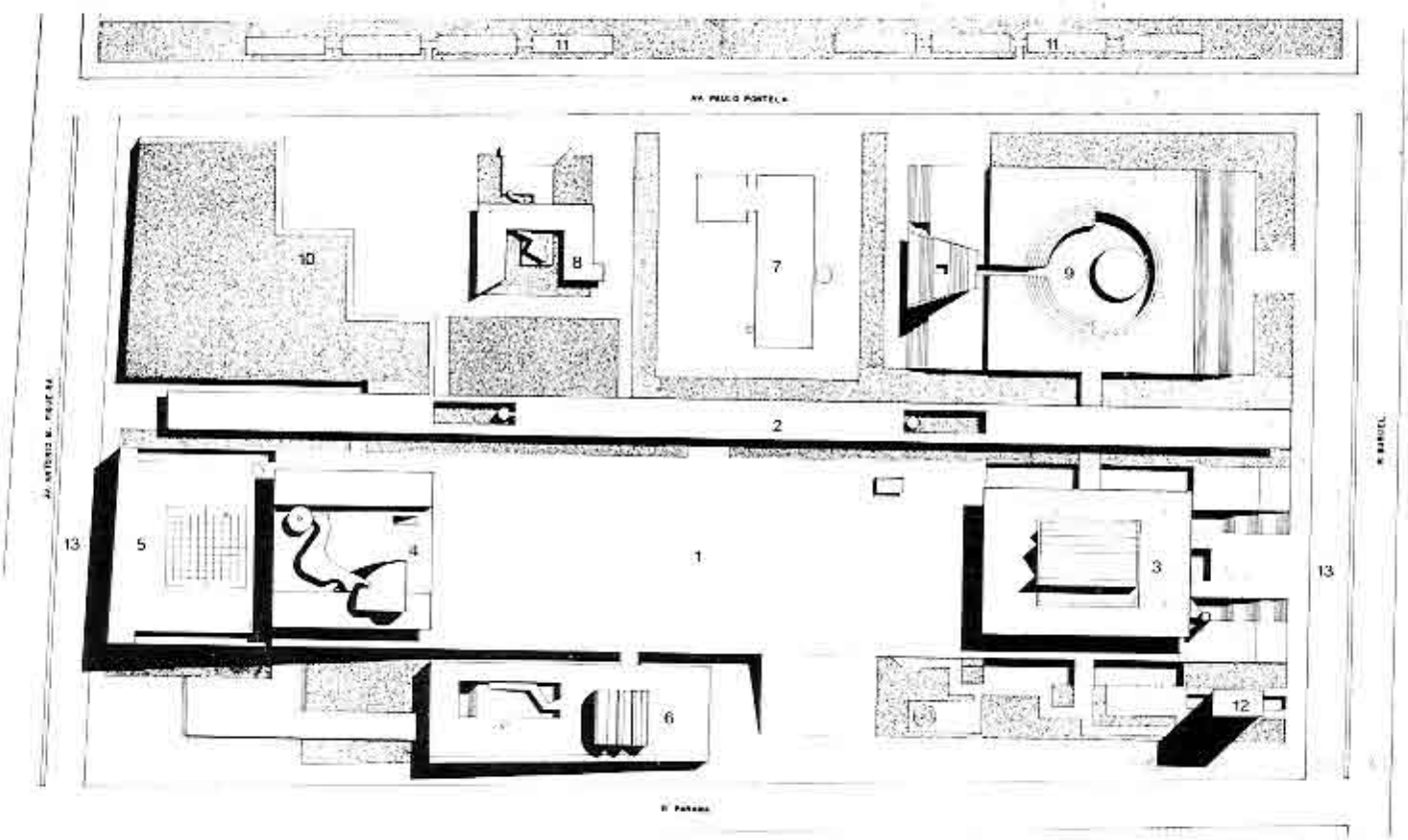
Arquitetura e espaço público, uma metáfora ao (re)desenho urbano



Prefeitura



Câmara de Vereadores e cobertura do Teatro (à esquerda)



1. Praça Cívica
2. Marquise
3. Paço Municipal
4. Câmara de Vereadores
5. Cobertura Teatro
6. Casa da Cultura
7. Fórum existente
8. Junta do Trabalho
9. Teatro de Arena
10. Bosque
11. Praça
12. Anexo futuro
13. Estacionamento

nicas complicadas, propõe a equipe disposta a discutir todo o projeto à luz das aspirações de cada cliente, como inspiração inicial para se produzir uma Arquitetura coerente e adequada à proposta do escritório. É preciso tocar no desejo para chegar àquilo que se almeja de fato. Afinal, todo mundo acalenta seu espaço particular na tentativa de concretizar um dia seu sonho, seja a casa, seja outro projeto qualquer, argumentam. "Aqui está o lado poético que não pode ser desprezado", ressalta Zé Luiz, enquanto Fausto mostra que mesmo as casas da periferia, com suas coberturas de laje incompletas, apontam para a aspiração de ampliação desse espaço, como sinal de esperança em algo melhor. O futuro?

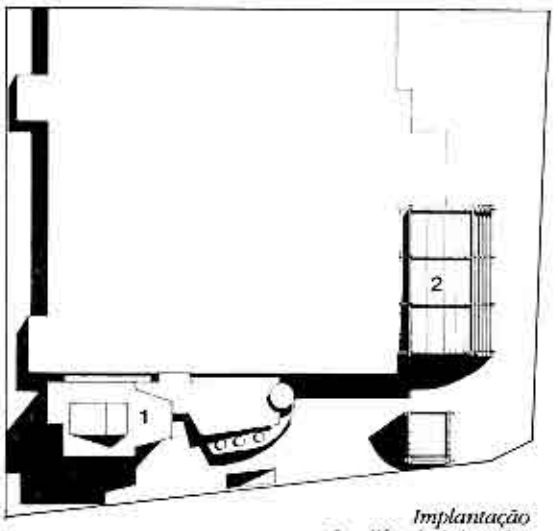
Ponto gerador

"Não dá para ficar sentado à espera de trabalho, temos que fazer", resume Eduardo ao se referir à batalha do dia-a-dia. O próprio projeto representa o elemento gerador, o eixo central da produção d'a equipe e da carteira de clientes. Como círculos concêntricos, o trabalho tende a multiplicar-se a partir da obra construída, acreditam. "Sempre existe alguém a observar uma casa, uma construção, depois vai perguntar ao mestre-de-obras — quem fez? E, finalmente, acaba batendo à porta do escritório para pedir outro projeto."

O projeto do Centro Cívico de Suzano, que revelou o grupo à *mídia* arquitetônica, seguiu a mesma frequência, só que em escala maior a nível do desenho urbano. "O que existe de concreto — enfatiza Zé Luiz — são os homens, a cidade. Assim, toda a produção artística, inclusive a Arquitetura, traz esse lado poético da existência e dignidade humana filtradas por uma visão ideológica, porém voltadas para o pluralismo e compreensão da simultaneidade e contradições produzidas pela cidade."

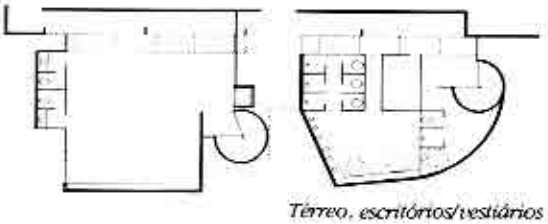
Da alquimia ao high-tech

Simultaneidade que, na análise de Eduardo, envolve velozmente nosso cotidiano. Com efeito, manter-se sincronizado com as evoluções da *global village* mcluhaniana constitui um dos fatores essenciais da sobrevivência profissional para não ser surpreendido pelo futuro.

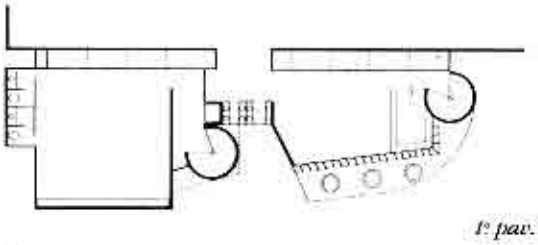


Implantação
1. edif. administrativo
2. restaurante e cozinha

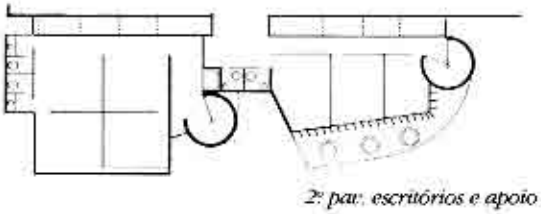
Westinghouse do Brasil, SP, 87/88



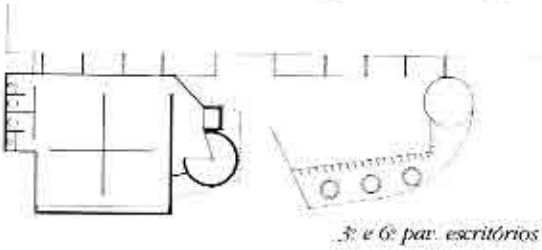
Térreo, escritórios/vestiários



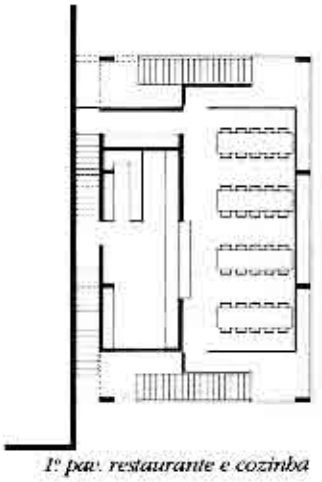
1º pav.



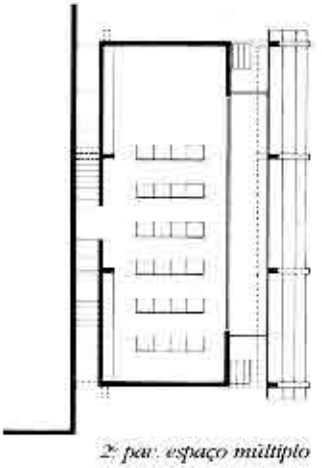
2º pav. escritórios e apoio



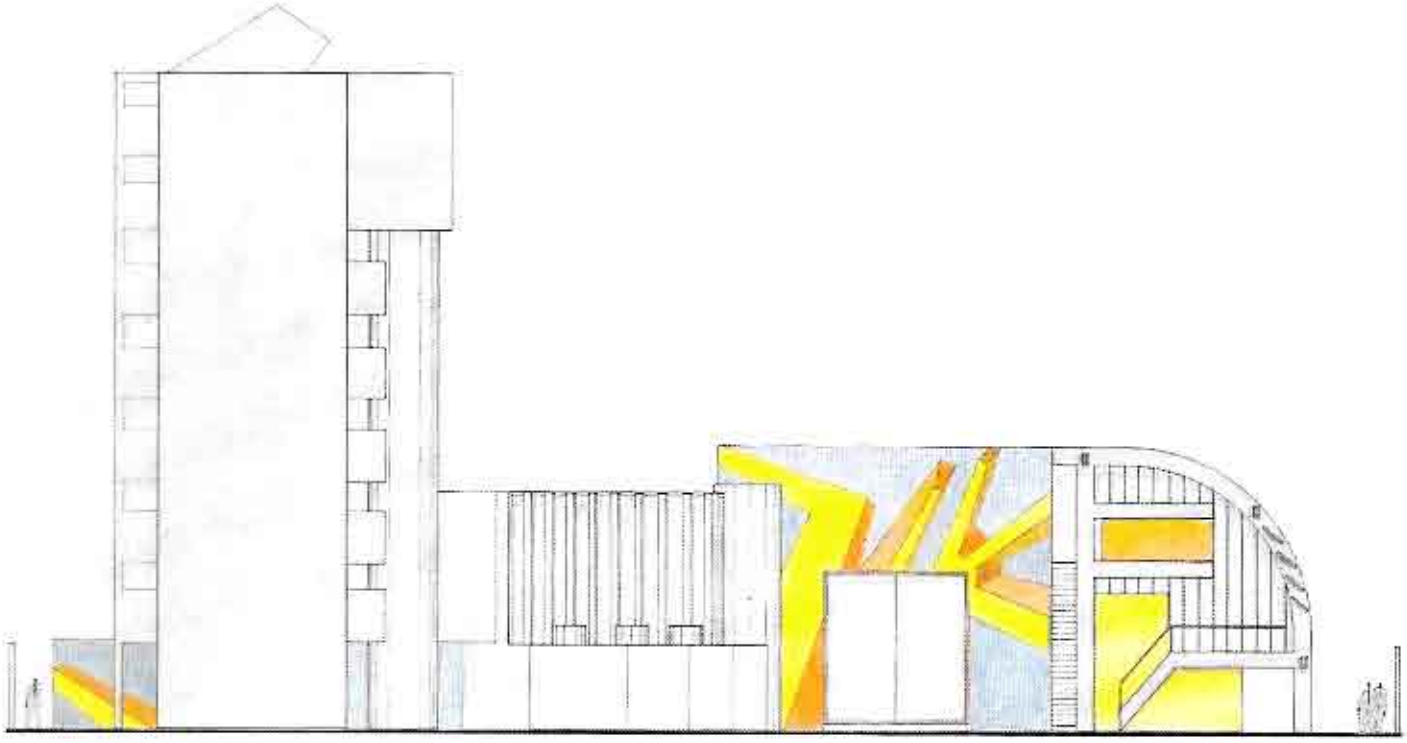
3º e 6º pav. escritórios

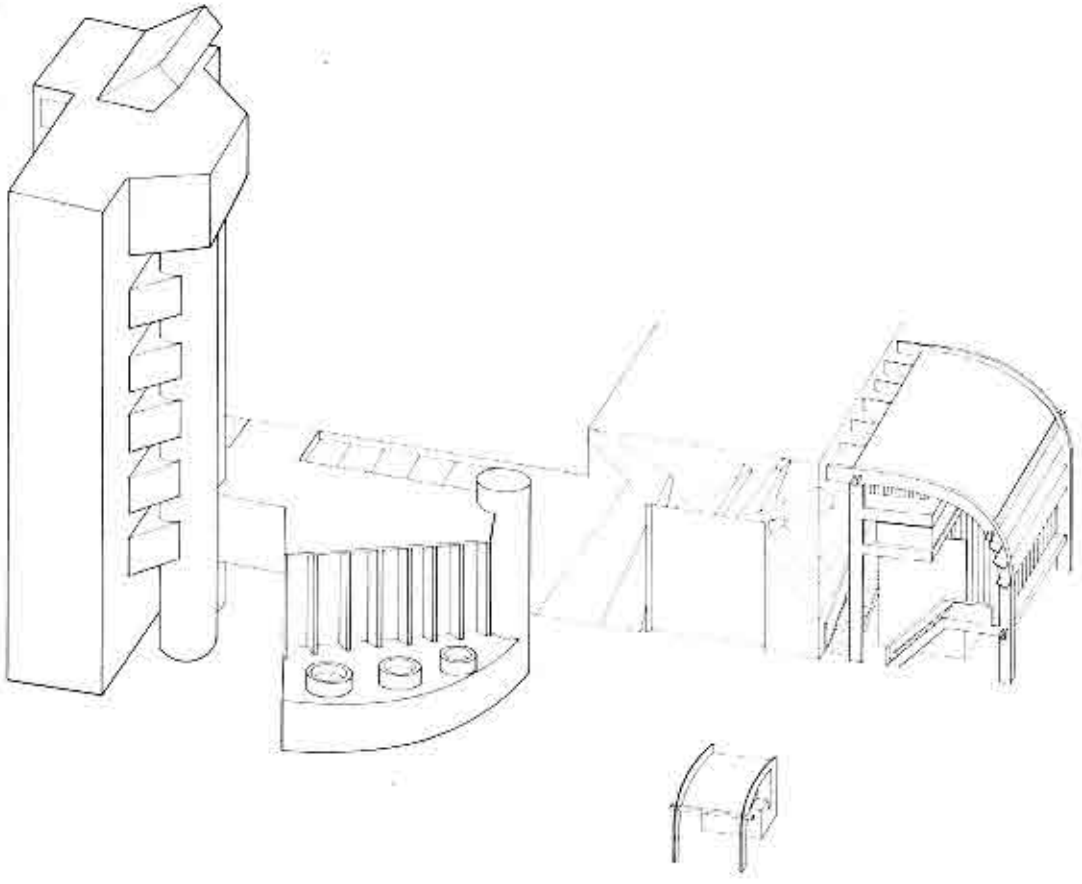


1º pav. restaurante e cozinha



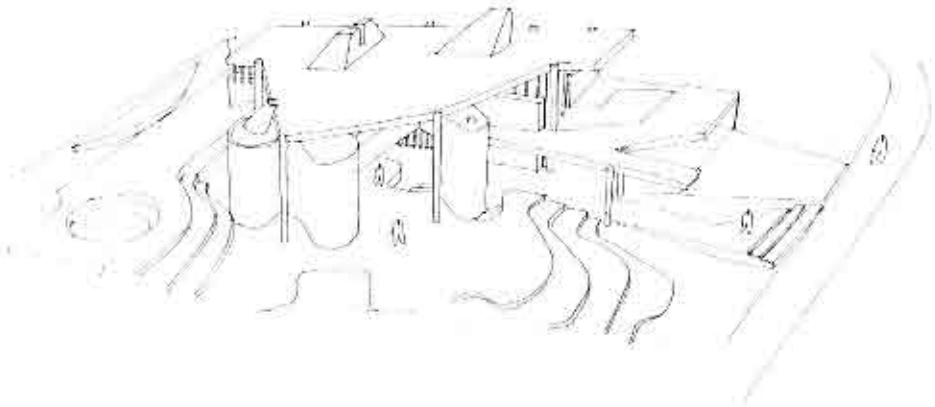
2º pav. espaço múltiplo

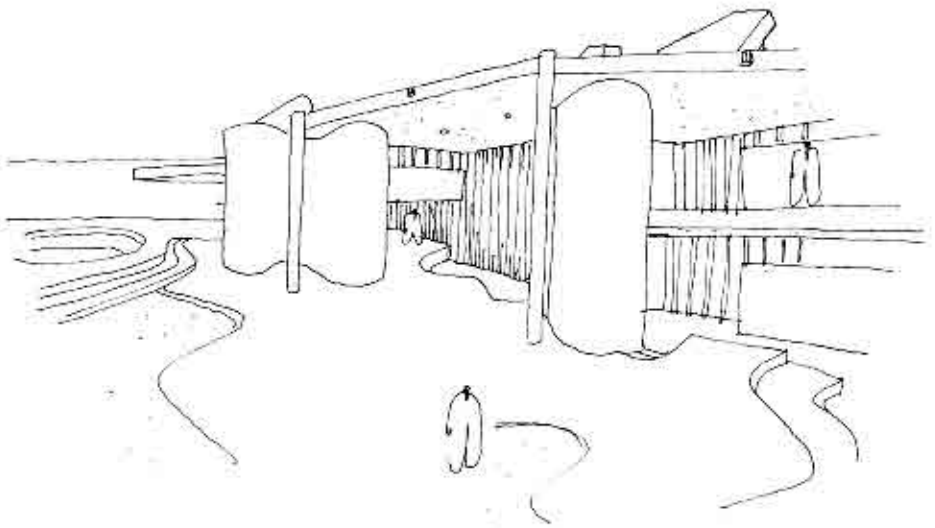


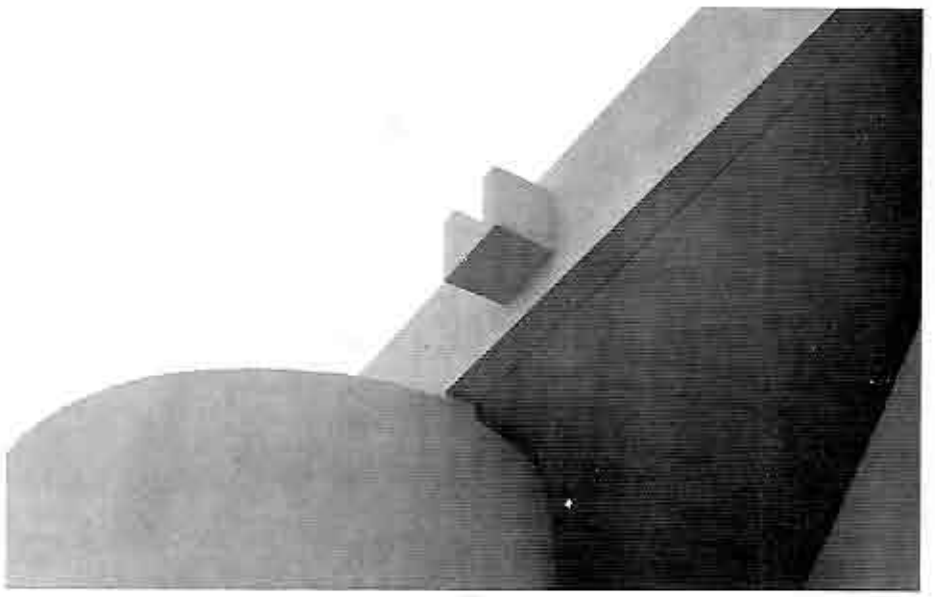


Consciente disso, a equipe procura não perder o bonde da história, atenta aos circuitos e estímulos de fora, aos avanços da tecnologia. "Com a introdução do computador, estamos passando por uma revolução idêntica, em termos de velocidade e mutação, à da era industrial, quando surgiu o automóvel." Isso significa o rompimento da linguagem padronizada, como ocorreu com Marinetti e Saint'Elia, possibilitando todo o tipo de experimentação, tanto de linguagem quanto de materiais e estética, sintetiza Eduardo.

Apesar da constatação, a equipe reconhece o descompasso, no quadro da realidade brasileira, entre a teoria e a prática. Ao abrir uma revista japonesa — constatam Zé Luiz e Fausto — você percebe outro mundo, algo totalmente novo. Consegue-se ter acesso às informações, agora incorporá-las ao nosso dia-a-dia torna-se complicado, pois tudo que foge ao tradicional ainda é considerado caro, difícil. Mesmo a tecnologia do ferro e aço, que na Europa atingiu parâmetros admiráveis de liga metálica, aqui permanece sujeita a restrições, principalmente na área da construção de residências. O Brasil já conseguiu *know-how* altíssimo junto à tecnologia de concreto e alvenaria, mas persistem sistemas de produção quase artesanais. "Então — complementa o grupo — tenta-se imprimir em praticamente todos os projetos a questão da tecnologia, expressa a nível do desenho e que ela possa permitir, mesmo a nível da tecnologia tradicional, soluções, desenhos e significados novos." O material, em resumo, assume para a Arquitetura o que a tinta representa para a pintura. Seja ferro, aço, concreto ou madeira, a expressão poético-tecnológica é a própria expressão do edifício.



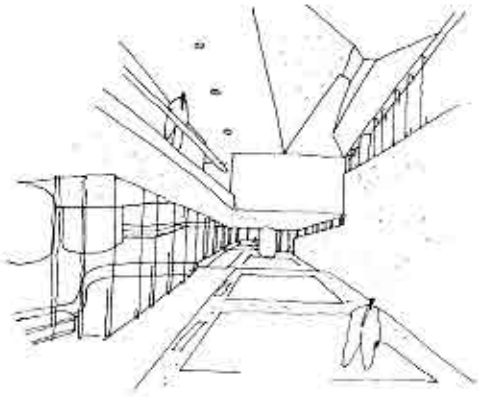


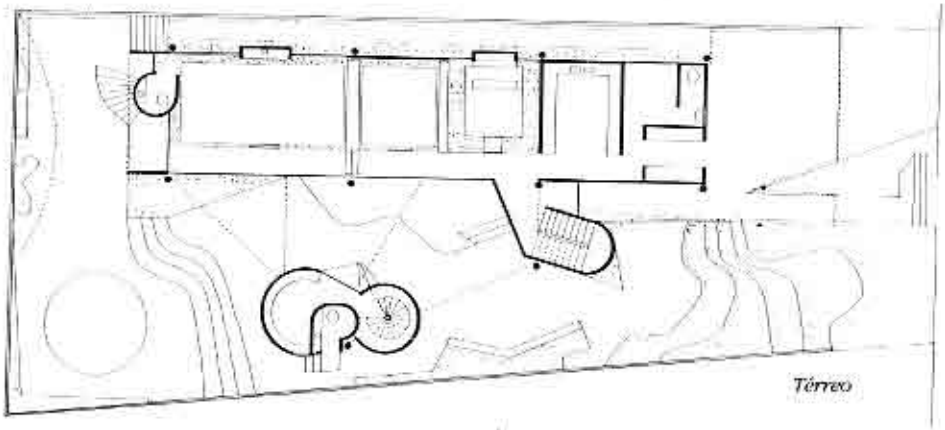


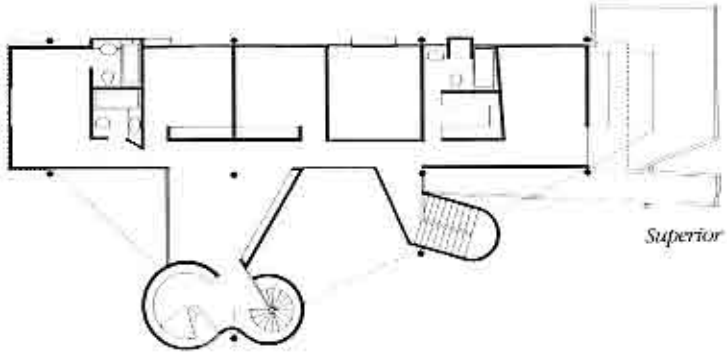
Experiência brasileira

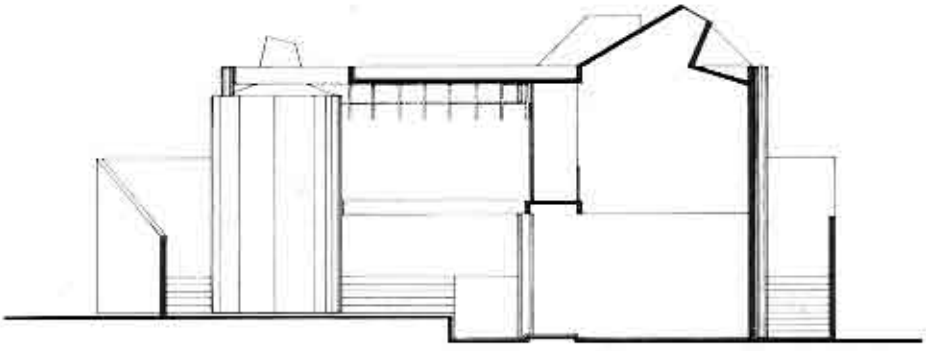
Conhecimento tecnológico, mas atrelado às suas componentes culturais — essa a premissa-base do grupo Itapeti. Formado em 75, Fausto explica que a Faculdade de Mogi se mantinha na década de 70 em posição de vanguarda em relação à discussão da Arquitetura Moderna e dos princípios wrightianos. Praticamente, dava continuidade à experiência-laboratório da Escola de São José dos

Residência Stein, Alphaville, SP, 87









Campos, SP, que acabou fechada. Muitos professores foram para Mogi, com a mesma linha de pesquisa e investigação cultural.

Eduardo e Zé Luiz pertencem, ao contrário, a uma geração distanciada da problemática política de um Brasil que ficou pra trás. Daí, a vontade de conhecer através de estudos e pesquisas todo o "esforço cultural" da experiência brasileira, "infelizmente tão fragmentada e desperdiçada". Apaixonado pelo cinema, Eduardo não exclui Mazzaropi, a elaboração de uma estética popular dentro da linguagem cinematográfica, nem Glauber com sua "estética da fome". Zé Luiz se fascina, por outro lado, pelos traços e cores de Portinari, um dos precursores de nossa modernidade, enquanto Fausto se afina com o som do Gênesis ou de Jethro Tull e as leituras de Machado de Assis e de José de Alencar.

Aqui e agora

Marcados, em suma, por uma época em que os grandes mestres da Arquitetura se encontravam no banco dos réus — "Oscar já não servia, Le Corbusier era execrado" — o grupo decidiu fazer sua reavaliação: nem os *scripts* de uma pós-modernidade exasperada nem supostas verdades-eternas modernistas. "As conquistas do Movimento Moderno permanecem válidas desde que reinterpretadas na realidade do homem de hoje", afirmam.

"A meu veu, o que acontece é o agora, as gerações devem viver a sua própria época. O ateísmo da produção moderna, digamos assim — avalia Zé Luiz, concluindo —, traz essa conquista essencial; é o que fica." Portanto, não vale o sacrifício de uma geração em função de um futuro radicalmente ideológico.

JOSÉ WOLF

Equipe:

Carlos Eduardo Bianchini, Fausto Tomeri e José Luiz Tabith Junior (equipe-base); Marcelo L. Dombrady, Mareliza Hashijumie, Ricardo Takashi Minami e Adalgisa Scotuzzi Pasotti (arqs. colaboradores); Adriana, Roberla, Marcelo e Márcia (colaboradores); consultor (Suzano) Irineu Idoeta.